

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS: IDENTIDADE, MUDANÇA EM HISTÓRIA E SENTIDOS PARA VIDA

Isabel Barca¹

RESUMO

Pela compreensão histórica do passado o ser humano alcança uma visão do mundo muito mais abrangente e profunda do que a que se fundamenta apenas na sua experiência concreta. Na investigação em educação histórica, que se preocupa com a promoção do pensamento histórico dos alunos, ganhou recentemente importância a questão da formação da Consciência Histórica na abordagem ruseniana, no sentido de dar relevo à necessidade de fazer da História um saber estruturante para os jovens e usável para uma melhor orientação no tempo. Foi com essa preocupação que o Projeto *Hicon*, "Consciência Histórica - Teoria e Práticas" I e II (2003 a 2011), em Portugal, procurou encontrar respostas fundamentadas à questão "que consciência histórica revelam os jovens em situação de escolaridade?", no âmbito de países lusófonos. Com essa finalidade, num dos estudos solicitou-se a jovens com idades entre 15 e 17 anos a produção de duas narrativas acerca da História contemporânea, uma sobre o seu país e outra sobre o Mundo. Neste artigo, discutem-se os dados fornecidos por alunos de escolas portuguesas e moçambicanas, numa análise indutiva orientada para a compreensão de sentidos de identidade, conceitos de mudança histórica e significância da História para a vida dos sujeitos, considerados como alguns dos elementos constitutivos da consciência histórica. Os resultados dessa análise de dados dos dois países foram comparados qualitativamente, refletindo-se sobre convergências e divergências de perspectivas indicadas nas produções dos jovens.

Palavras-chave: Consciência Histórica dos Jovens. Educação Histórica. Narrativas de Jovens. História em Países Lusófonos.

Conhecer o passado, entender as nossas raízes e também o que nos é estranho constitui uma pulsão intrínseca do ser humano (MARTIN, 1989). Esta necessidade humana tem uma função vital, a de permitir ao sujeito uma melhor orientação temporal no seu

¹ Doutora, Investigadora do Centro de Investigação em Educação (CIED), Universidade do Minho, Portugal. Professora Visitante na UFPR, com Bolsa da CAPES, Brasil. Email: isabar@ie.uminho.pt

quotidiano, como nos lembra Rüsen (2001, 2007). Como Rüsen realça também, é através da compreensão abrangente daquilo que outros fizeram, com sucesso ou desventura e em diversos tempos e lugares, que o ser humano ganha uma visão do mundo muito maior do que a que está confinada à sua experiência concreta. No entanto, tal como diz ainda o mesmo autor (RÜSEN, 1991), a consciência histórica pode manifestar-se nas ações dos sujeitos de diferentes formas, indiciadoras de diferentes usos da História nas decisões da vida prática. Podemos, por exemplo, encontrar: a) uma consciência tradicional, com apego dogmático às tradições e a uma visão de um passado fixo que deve permanecer imutável; b) uma consciência exemplar, que valoriza as “leis” da história enquanto lições seguras para o futuro; c) uma consciência crítica, que simplesmente recusa um certo passado e advoga a sua desconstrução para criar o oposto; d) uma consciência ontogenética, em que a história é encarada como fonte de compreensão do mundo enquanto fornece pistas para uma orientação temporal objetiva de cada sujeito, mas sempre de forma flexível dado que os fenómenos sociais e naturais se interligam em constantes reconfigurações. Embora os diversos tipos de consciência histórica não se manifestem de forma estanque, nem os quatro tipos elencados devam ser considerados únicos enquanto manifestações de orientação temporal - como inclusivamente alerta o mesmo autor - parece ser cada vez mais nítido o reconhecimento de que é uma consciência de tipo ontogenético que melhor equipa cognitivamente o ser humano para enfrentar os desafios e problemas nestas primeiras décadas do século XXI. Neste sentido de “consciência histórica ontogenética”, a História é encarada como fonte para uma compreensão mais abrangente e multiperspectivada do mundo que se apresenta com permanências e mudanças complexas.

No processo de clarificação sobre o que poderá entender-se por uma consciência histórica avançada para o nosso tempo, o debate epistemológico tem de englobar uma reflexão em torno de conceitos essenciais à natureza do conhecimento histórico (ideias de segunda ordem) tais como evidência, explicação, mudança, significância e narrativa em História e como eles são mobilizados na orientação temporal dos sujeitos.

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS

Na perspectiva de uma educação histórica que se desenvolve em diálogo com o próprio saber historiográfico, a investigação neste campo considera fundamental conhecer como os jovens constroem as suas ideias históricas não só no plano substantivo mas também e, sobretudo, no plano das ideias de segunda ordem. Esta investigação não só tem avançado no campo epistemológico e empírico, com enfoque no diagnóstico de concepções de alunos e professores acerca da História, como também tem contribuído, de forma sistemática e operacionalizada, para aquilo que talvez seja ainda bastante insuficiente no panorama global dos sistemas educativos de vários países: ligar a teoria à prática, isto é, não prescrever apenas em estilo retórico o que os professores devem fazer e ainda não fazem em sala de aula, mas sim trabalhar com eles na tarefa de fazer melhor. Nesta linha de pesquisa e *praxis* educacional, aspira-se ao desenvolvimento da literacia dos jovens – e, neste caso concreto, à literacia histórica que se for explorada de forma desafiante e válida apresenta fortes potencialidades na formação para a vida na atual sociedade de informação global e complexa. Para tal, torna-se imprescindível conhecer o mundo conceptual dos agentes educativos – o aluno, em primeira instância – porque só se pode mudar conscientemente aquilo que se conhece (DONOVAN; BRANSFORD, 2005; LEE, 2000, 2005).

Dentro desta preocupação de promover a ideia de pensar historicamente, e não simplesmente a reprodução do conhecimento das temáticas históricas curriculares, ganhou recentemente importância a questão da formação da Consciência Histórica na perspectiva Ruseniana, no sentido de dar relevo à necessidade de fazer da História um saber estruturante para os jovens, usável (*versus* saber inerte), para uma melhor orientação temporal na vida pessoal e social (ANGVIK; BORRIES, 1997; LEE, 2002; SEIXAS, 2004; ASHBY; FOSTER; HOWSON; LEE, 2008). Em vários estudos concluiu-se que, em relação à história nacional, o mais comum dos sentidos em jovens de vários países é o de uma História progresso (BARTON, 2001; COMPAGNONI et al., 2006; WALDRON & PIKE, 2005), ou, como defendeu Wertsch, (2002), uma ideia centrada na vitória do país sobre forças estrangeiras, e que permanece

ao longo de várias gerações. Os estudos escasseiam a nível da História mundial, mas os mais sistemáticos indicam que os quadros construídos pelos jovens tendem a apresentar-se pouco nítidos e fragmentados (SHEMILT, 2000; LEE, 2002; ASHBY; FOSTER; HOWSON; LEE, 2008).

Foi com a mesma preocupação que o Projeto *Hicon*, “Consciência Histórica - Teoria e Práticas” I e II (2003 a 2011), em Portugal, procurou encontrar respostas fundamentadas à questão “que consciência histórica revelam os jovens em situação de escolaridade?”, além de uma outra questão, de moldes semelhantes mas direcionada para as formas com que os professores lidam com questões de consciência histórica em sala de aula. Em conexão com estas preocupações da formação do pensamento histórico no âmbito da educação histórica formal, procurou-se destrinçar e analisar elementos de consciência histórica manifestados por jovens em contextos mais diversificados do que os de Portugal, alargando-se a recolha de dados a outros países lusófonos como Brasil (COMPAGNONI et al., 2006; SCHMIDT, 2008), Cabo Verde (CASTRO; SANCHES, 2009) e Moçambique (BARCA, 2011).

Assim, no âmbito das várias tarefas investigativas deste Projeto buscaram-se dados empíricos que permitissem a compreensão de noções dos sujeitos designadamente sobre evidência histórica de vários tipos, identidades sociais, significância do passado, construção da narrativa histórica, ideias de mudança e os sentidos aí implícitos para a orientação temporal. A natureza dos estudos foi essencialmente qualitativa, com o objetivo de compreender em profundidade o pensamento histórico dos sujeitos. As amostras participantes de alunos e professores foram selecionadas em função da sua disponibilidade mas sem descuidar critérios de heterogeneidade. Neste sentido, nas várias tarefas investigativas sobre ideias dos jovens participaram turmas de alunos tendo em atenção o ano de escolaridade, a área geográfica e o contexto sociocultural da escola. Os instrumentos de recolha de dados foram afinados por meio de estudos piloto e discussões em painel de especialistas. Como método de análise de dados, privilegiou-se uma abordagem indutiva, de acordo com as opções assumidas em grande parte dos estudos de educação histórica a nível internacional. A

geração de categorias de análise foi orientada por princípios epistemológicos, nomeadamente os que se associam à ideia de consciência histórica segundo a abordagem Ruseniana.

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS EM PORTUGAL E EM MOÇAMBIQUE

Dentre os vários estudos efectuados no âmbito do Projeto *Hicon*, serão aqui discutidos os que exploraram “narrativas históricas” de jovens em final de escolaridade obrigatória, com idades entre 15 a 17 anos, em Portugal e em Moçambique.

É pela narrativa – entendida em sentido lato, como expressão de ideias sob qualquer formato - que se comunica a compreensão histórica e os sentidos de orientação que lhes são atribuídos. É por isso que, como diz Rösen (2001), a narrativa histórica se constitui como a face material da consciência histórica, seja ela um relato descritivo-explicativo do passado, ou apenas uma narrativa abreviada (“Brasil, país emergente”, por exemplo) ou símbolos identitários (a bandeira ou o hino nacional). Na narrativa é possível perceber como o seu autor concebe o passado e estabelece – ou nega – relações com o presente e o futuro. Mas é sobretudo quando ela toma a estrutura de um relato consistente que é possível detetar com mais clareza a significância pessoal que as realizações e interações humanas assumem para os sujeitos e os sentidos de identidade e de mudança que aí se encontram plasmados. Estas mensagens sobre o passado, o presente e que apontam, eventualmente, expectativas de futuro quando apresentam alguma homogeneidade transversal à maioria das narrativas específicas, indiciam uma certa orientação da identidade coletiva.

Assim, conhecer as narrativas históricas que os alunos vão construindo ao longo da sua educação histórica (formal e informal), não só em relação ao seu país mas também a outras escalas (do local ao global), constitui uma atitude investigativa essencial para compreender a construção da consciência histórica juvenil, que é sempre influenciada por, e alimentadora de identidades multifacetadas.

Dos estudos efetuados sobre os sinais de consciência histórica fornecidos pelas narrativas de jovens em Portugal e em Moçambique,

far-se-á aqui uma discussão de alguns dos seus dados, com alguns apontamentos de análise comparativa de teor qualitativo.

Em Portugal, participaram no estudo aqui apresentado cerca de duas centenas de alunos, tendo as recolhas de dados sido efectuadas em 2005-2008 e 2010-2011. Era intenção do Projeto integrar na amostra alunos oriundos de contextos de imigração, abrindo-se assim a exploração de ideias de jovens a um conjunto de vozes ainda mais heterogéneas. A discussão presente inclui uma das escolas, na região do Grande Porto (norte do país), que integra alguns alunos de uma comunidade chinesa, mas com frequência escolar muito flutuante ao longo do ano. Por tal motivo, tendo a recolha de dados sido efectuada em fase quase final do ano académico, apenas dois alunos de nacionalidade chinesa participaram no estudo. Em Moçambique, a recolha de dados efectuou-se em 2008, com a aplicação do mesmo par de tarefas sobre o seu país e o mundo contemporâneo e seguindo procedimentos análogos aos utilizados em Portugal. Participaram 40 alunos em duas turmas de 9º ano de duas escolas de Maputo, uma do ensino público e uma do ensino privado.

Aos alunos pediu-se, em primeiro lugar, para “contar a história do seu país” nos últimos cem anos, imaginando que se encontravam num encontro de jovens de todo o mundo; aos alunos estrangeiros, era dada oportunidade de narrarem a história nacional do país de origem ou de acolhimento. Após a tarefa narrativa sobre “o seu país”, pediu-se que contassem a História do Mundo também nos últimos cem anos. A realização destas duas tarefas teve a duração de cerca de 60 minutos.

Com a análise das ‘narrativas’ dos jovens no plano da sua estrutura e substância gerou-se um conjunto de núcleos conceptuais passíveis de fornecerem pistas sobre as relações que esses sujeitos estabelecem entre História e orientação temporal:

- 1 Sentidos de identidade;
- 2 Conceitos de Mudança em História;
- 3 Significância da História para a vida.

SENTIDOS DE IDENTIDADE INDICIADOS NAS NARRATIVAS EM PORTUGAL

Um resultado que se mostrou nítido, e com acentuada regularidade ao longo das várias etapas de recolha, foi o de as

histórias nacionais se mostrarem mais estruturadas e substanciadas do que as histórias mundiais. Sobre o país apareceram muitas narrativas estruturadas, como por exemplo a da Manuela, de 16 anos, a frequentar uma escola de Lisboa, em 2008, que indicava uma identidade nacional entusiasta:

Começaria por falar da instauração da República, em 5 de Outubro de 1910, que acabou com a monarquia e o reinado de D. Manuel II. Em 1926, começou um regime de ditadura e, quando Salazar instaura o regime do Estado Novo, Portugal vive momentos de tristeza: com a “voz” censurada e impedida, os únicos desabafos eram contados pelos cantores de intervenção, como o Zeca Afonso. Salazar morreu e Marcelo Caetano substituiu o ditador, dando esperança aos portugueses de uma “Primavera Marcelista”. Em vez de mudança, a censura e a prisão continuaram. Em 1974, na madrugada do dia 25 de Abril, o soldado Salgueiro Maia lidera uma revolução contra o regime que liberta Portugal. A “Revolução dos Cravos” deu a Portugal de novo a liberdade. Até agora vivemos numa República... A Expo 98 serviu para comemorar os 500 anos da descoberta do caminho marítimo para a Índia, por Vasco da Gama em 1498. Os descobrimentos são o nosso “orgulho” pois foi Portugal quem os impulsionou. Outro ano marcante foi 2004, pelo desporto-rei, o futebol. O Euro 2004 teve um sucesso fora do normal e uniu todo o país, adeptos de futebol ou não, a apoiar a Seleção Nacional.

Esta narrativa otimista que saúda os “descobrimientos” portugueses (para além do contexto temporal proposto) e a “Revolução dos Cravos”, dá conta de um conjunto de factos e situações históricas ao longo dos cem anos, entretecidos de forma coerente e válida. Outras narrativas tendem a centrar-se num segmento temporal intermédio (no período dos últimos cem anos), que na dimensão político-social vai desde a ditadura de Salazar até à construção /da democracia que se inicia com a Revolução de 1974. Na sombra ficam as primeiras e últimas décadas do século XX (com ou sem alusão a situações do século XXI). É interessante notar que um dos alunos chineses, de 16 anos, que optou por narrar

a História portuguesa, também construiu uma narrativa centrada na “grande revolução” que derrubou a ditadura em 25 de Abril de 1974, e que termina com a identificação dos governantes atuais; já a aluna chinesa, de 15 anos, apresentou ideias desconexas em relação à História portuguesa, sem no entanto deixar de referir igualmente o “25 de Abril”.

Em relação à História do Mundo, no plano substantivo, as narrativas históricas sobre o mundo centram-se no segmento temporal da I e/ou II Guerras mundiais, logo seguido por acontecimentos mediáticos do século XXI. Eis a narrativa de José, de 15 anos, a frequentar uma escola de Lisboa em 2008:

Em 1914 ocorreu a 1ª Guerra Mundial que perdurou até 1918. Essa guerra trouxe imensas consequências para todos os países que nela intervieram, nomeadamente sociais, económicas e políticas. Na década de 30, em alguns países surgiram regimes extremistas, como em Itália, Alemanha, Espanha e Portugal, liderados respectivamente por Mussolini, Hitler, Franco e Salazar. No outro extremo da Europa (Rússia) apareceu um regime comunista, primeiro governado por Lenine e depois por Estaline. Entre 1939 e 1945 deu-se a 2ª Guerra Mundial. Após isto deu-se um processo de reconstrução dos países da Europa.

Nos últimos anos tem-se vivido um clima de terrorismo causado pelo atentado feito pela Al-Quaeda em 2001 às torres gémeas em Nova York. Assim, tem-se assistido a guerras em que os EUA aparecem envolvidos, mais especificamente no Afeganistão e no Iraque.

Apenas em algumas narrativas de 2010-2011 emerge outro acontecimento do século XX para além das guerras - a Crise de 1929. No plano estrutural, as narrativas mundiais apresentam-se geralmente de carácter genérico, com comentários sobre os males do mundo, menos historiadas do que as narrativas nacionais. Isto pode sugerir um sentido de identidade nacional mais forte do que o de identidade global. Porém, poderá afirmar-se que, entre os jovens portugueses, a mensagem nuclear nacional é pelo menos bem diferente da que teria sido em tempos de ditadura. Esta, a avaliar pelos manuais de pensamento único, deveria girar à volta da vitória

sobre os inimigos externos e da defesa de um perene “Portugal do Minho a Timor”. A mensagem nuclear que atravessa as narrativas dos jovens do nosso tempo é outra, e bem mais aberta, em relação ao país: “a conquista da liberdade sobre a ditadura, mas uma crise económica atual”. Este elemento refuta a tese de que as mensagens nucleares das narrativas nacionais mantêm-se entre gerações e resistem às mudanças da história vivida (WERTSCH, 2002). Já a ideia frequente de que no mundo, lá fora, há sobretudo “guerras, terrorismo e catástrofes, mas também ciência e tecnologia”, poderá ser eventualmente mais persistente, mas não é tão transversal e homogênea quanto a mensagem nuclear nacional.

SENTIDOS DE IDENTIDADE INDICIADOS NAS NARRATIVAS EM MOÇAMBIQUE

As produções dos jovens moçambicanos sobre o seu país mostram-se quase sempre bastante estruturadas (sobretudo na escola privada), isto é, com uma trama narrativa válida, em torno de dimensões variadas. Estas produções divergem das narrativas portuguesas pela alusão mais frequente a progresso tecnológico, educacional e cultural, como por exemplo a da Iva, de 16 anos, que alude ao desenvolvimento de “vias de comunicação”, “transportes”, “saúde, educação e cultura”.

A estrutura das narrativas nacionais dos alunos moçambicanos, tal como a dos portugueses, aparece com frequência muito mais substanciada do que as ‘narrativas’ mundiais. O Tomé, por exemplo, em 2008 apresentou uma narrativa completa para o seu país e uma narrativa mais abreviada para o mundo - mas qualquer uma delas tem um sentido de cronologia e detalhe maior do que as narrativas produzidas por alunos portugueses. Sobre o seu país, escreve:

Dos últimos anos para cá a história de Moçambique caracterizou-se pela dominação colonial. O país antes estava organizado politicamente pela dualidade de poderes no norte, 2/3 do país pelas companhias e no sul reservatório da mão-de-obra para as minas de África do Sul. Do 100 anos para cá houve(ram) grande alterações, 1911, com a mudança do regime colonial que culminou com a descentralização das colónias e

Consciência histórica de Jovens: identidade... - Isabel Barca

Portugal passou a tirar proveito das colónias [...]. Do outro lado entre os moçambicanos houve um espírito de desejo pela mudança e lutar por ela, que iniciou com os Núcleos de estudantes (1949) [...] culminou com a formação de um único partido a Frelimo (1962). Unidos com um único objectivo, lutaram e alcançaram a vitória libertando o país (1975), [...], tornando-se Samora Machel o primeiro presidente de Moçambique. Após a independência desenvolveu-se um regime monopartidário que culminou com a formação de um movimento de resistência Renamo e entrou em contradições com a Frelimo culminando numa guerra civil de 1977 a 1982. Ao seu fim um acordo de paz assinado em Roma. Mais tarde houve(ram) eleições gerais vencendo o presidente Joaquim Chissano e as 3^{as} eleições com Armando Emílio Guebuza.

Esta narrativa, acima, saúda a libertação do domínio colonial mas, para o período de pós-independência, mantém uma descrição neutral das vicissitudes político-militares. No que respeita à História mundial, o mesmo aluno dá relevo às duas guerras mundiais, mas não deixa de aludir também à crise de 1929 e à emancipação de África:

A história do mundo nos últimos 100 anos foi caracterizada pela 1^a guerra mundial que durou desde o ano de 1914-1918. Houve(ram) formações de blocos de alianças como Tríplice aliança constituídas [...] e a Tríplice Entente [...]. A 2^a guerra mundial desde o ano de 1939-1945, que na sua terceira fase houve a participação dos Estados Unidos. O mundo nessa fase passou por uma grande crise económica devido a queda da bolsa de Wall Street em 1929. A partir de 1960 para a frente pertenceu a glória de (a) África porque muitos países alcançaram as suas independências a partir desse ano.

Nas narrativas históricas sobre Moçambique, além de marcadores variados aparecem indivíduos e grupos políticos que protagonizam a História com contornos ora positivos, ora com uma carga mais neutral (como na narrativa nacional acima), ora com

valorações francamente negativas. As narrativas mundiais centram-se em dimensões político-militares, económicas e tecnológicas e, como as narrativas em Portugal, não apresentam muitos protagonistas individuais. Os seus marcos cronológicos são muito mais frequentes e variados do que nas narrativas dos jovens portugueses, sendo a data da independência - como expectável - a mais frequente e, por isso, mais consensual.

Nestas produções moçambicanas não perpassa uma mensagem nuclear única quer para o país quer para o mundo - há nelas esta especificidade notável face às narrativas pesquisadas de jovens de outros países. Apesar de uma visível identidade nacional indicada pela clara estrutura das suas histórias nacionais e das valorações que apresentam, não se pode considerar a existência de uma mensagem nuclear que lhes seja transversal. Com efeito, pode-se aqui encontrar vários esquemas conceptuais, uns com ideia de progresso, outros de declínio, fruto de variadas perspectivas, históricas ou, talvez em alternativa, políticas ou religiosas. Listam-se as principais por ordem de distribuição frequência (in BARCA, 2011):

1. A vitória dos moçambicanos face à colonização portuguesa e o desenvolvimento gradual do país após a independência.
2. A vitória dos moçambicanos face à colonização portuguesa e, após a independência, défices na sociedade sobretudo por razões políticas.
3. A vitória dos moçambicanos face à colonização portuguesa, com guerra civil após a independência e seguindo-se a paz.
4. Antes, melhores condições de vida mas também guerras e castigos severos, agora "maus costumes".
5. Antes, sociedade tradicional, más condições de vida e poucas opções, agora mais oportunidades para as pessoas (mas também uma crise).

Também em relação ao mundo se encontra uma diversidade de mensagens nucleares, umas a realçar conflitos ou relações entre dominantes e dominados, outras a saudar o desenvolvimento em várias vertentes, a cooperação e ajuda à África e ao seu país em particular. Colocando de parte algumas ideias alternativas à História, talvez de influência religiosa como a mensagem de que "Deus criou

o mundo para o bem e os homens desenvolveram o mal”, os relatos mundiais explicitam inter-relações entre várias regiões do mundo, e entre o espaço nacional e internacional. Tal diverge das narrativas mundiais dos jovens portugueses pois, além de se mostrarem mais substanciadas e estruturadas do que as dos jovens portugueses, as narrativas dos jovens moçambicanos mostram mais consciência das relações entre o nacional e o internacional, sejam elas em ambiente de tensão, diálogo ou conflito.

CONCEITOS SOBRE MUDANÇA EM HISTÓRIA

As narrativas específicas dos jovens portugueses bem como a mensagem nuclear que elas parecem evocar transversalmente sobre o país e sobre o mundo sugerem sentidos de mudança relativamente lineares, que a historiografia mais avançada já não acolhe.

Esses sentidos mais ingénuos, de progresso ou de declínio, remetem-nos para os velhos debates filosóficos acerca do futuro das sociedades humanas, que foram férteis nos séculos XIX e XX. Com base na análise dos movimentos históricos e no optimismo instilado pelos desenvolvimentos científicos, alguns teóricos formularam generalizações para o futuro (de que a dialéctica marxista foi um exemplo sofisticado e de grande impacto), proclamando frequentemente um inevitável progresso. A par destas tendências, mantiveram-se outras posturas também generalizantes mas de recusa em projetar o futuro a partir dos dados da História, podendo encontrar-se esta visão na Escola dos Annales no seu período de estruturalismo mais cerrado. Neste modelo historiográfico, o enfoque em estruturas gerais de um dado tempo e espaço, acompanhado por uma ênfase do fator geográfico e pelo desprezo do tempo breve como sendo a espuma da história, privilegiou as permanências e levou à recusa – sobretudo a nível do Ensino da História - de interligar o passado de forma longitudinal e dinâmica. Esta ideia de passado encapsulado num tempo ‘imóvel’, sem pontes com o presente e, muito menos, com o futuro, foi transmitida, pelo menos em Portugal, a várias gerações de professores de História, desde finais da década de 1970, sendo a sua influência visível ainda hoje.

Novas concepções da mudança em História, numa acepção de categoria epistemológica complexa com que os historiadores

implicitamente trabalham, são atualmente utilizadas na investigação em educação histórica. Na mídia é frequente encontrar, em declarações ao nível do senso comum, que a ideia de progresso foi substituída pela de ciclo. Numa tentativa de breve enunciado em torno dos sentidos de mudança a um nível mais complexo, perante uma intensa produção historiográfica permanentemente em renovação e aberta a diversos pontos de vista e enfoques poder-se-á inferir que:

Não há um qualquer sentido fixo ou linear de mudança: tomando como enfoque os interesses vitais da espécie humana, poderemos encontrar ao longo da História progresso em aspectos de carácter científico, tecnológico, social, cultural, mas os mesmos fenómenos podem ser encarados também como retrocesso (por exemplo, o conforto proporcionado pela tecnologia *versus* a guerra sofisticada, os desastres ambientais, o desemprego e o trabalho intensivo que a mesma tecnologia provoca); a história pode repetir-se até certo ponto, mas nunca da mesma maneira; uma situação pode ser vista como progresso por uns e declínio por outros, em função dos seus interesses particulares, individuais ou de grupo. Quer se olhe para os tempos da história numa perspectiva global, enquanto ser humano, ou numa visão mais particular, pelo prisma de um dados grupo, os movimentos da história podem ser 'pesados' nas suas relações tomando com enfoque várias escalas temporais, de longa, média ou curta duração.

Em termos de direção de Mudança, os dados dos jovens portugueses, como os de muitos outros países independentes, tendem a mostrar um sentido de progresso sobretudo em relação à História nacional. Uma vez de forma linear, outras de forma mais equilibrada feita de prós e contras, as narrativas contam uma História de sucesso. Mas, se o sentido de mudança costumava ser quase invariavelmente de progresso, por vezes matizado por uma leve percepção de crise no presente, nos dados colhidos em 2011 a mensagem nuclear de otimismo esbate-se: a frustração, o rancor e o medo pelo presente e pelo futuro são verbalizados, e transmitem uma mensagem de mudança pendular, em que após um período de progresso no passado se segue um presente sombrio. A passagem seguinte, escrita pelo Jorge, numa escola do Porto, em 2011, simboliza essa nova visão sobre a mudança no país:

Consciência histórica de Jovens: identidade... - Isabel Barca

O meu país, Portugal, nestes últimos 100 anos tem evoluído a nível de tecnologia e estilo de vida, somos um país médio pois há países piores do que o meu como também há países mais evoluídos. O meu país também está em crise, já estivemos pior, é um facto, mas eu com os meus 15 anos nunca vi uma crise, ou seja, isto para mim está mau e é uma novidade pois agora tenho que me privar de muitas coisas, é uma coisa que eu odeio. Esta crise deu-se ao facto de o povo português não tomar uma atitude, o povo português é daqueles que “ah, está mal? Deixo andar”. Mas também ao facto de termos políticos [...], o povo está a dormir e vai ter que acordar o mais rápido possível.

Em relação ao mundo, as cores com que os jovens portugueses o têm pintado são geralmente menos positivas do que as do seu país, numa visão de permanente negatividade, como o Jorge demonstra na sua narrativa:

Há cerca de 100 anos...Hum... Não sei muito bem, mas a ação de que me lembro passou-se na Alemanha, com a ditadura de Hitler. Hitler dominou vários países à volta da Alemanha, o que deu origem à 2ª Guerra Mundial. Na 2ª Guerra Mundial, os EUA e a sua aliança lutaram contra a Alemanha e o Japão. Após a libertação dos países, a Alemanha foi dominada, Hitler suicidou-se e o país foi livre do mal de Hitler. Entretanto o Japão recusava-se a render, o qual levou com que os EUA largassem uma bomba atómica no Japão. De agora para cá, muito mudou, o mundo mudou, e a cada dia que passa custa viver cá. O aumento da poluição está a originar vários problemas que as gerações futuras vão enfrentar. Em 2001, houve um ataque terrorista às Torres Gémeas. A Grécia entrou em crise. Nestes dias, a sociedade está má. Completamente pegados às tecnologias, dependentes dos seus vícios, é cada vez mais perigoso andar na rua, as pessoas ganharam malícia, rancor... Sonho com o mundo sem guerra e sem violência. Mas digo bem, não passa de um sonho.

No caso das narrativas dos jovens moçambicanos, a variedade de mensagens nucleares respeitantes quer ao país quer ao mundo não permite generalizar um sentido tendencial de mudança histórica. Alguns jovens manifestam uma ideia de progresso linear, outros de declínio, outros ainda de sentido pendular, por exemplo, ao valorizarem de forma ora positiva ora negativa quatro etapas da sua História contemporânea: colonialismo – independência - guerra civil - paz. Mesmo em relação à História do mundo, apesar de guerras, crises e colonialismo surgirem como ideias substantivas mais recorrentes nas narrativas, muitas destas contêm também alusões de esperança, como no remate da narrativa do Tomé, "A partir de 1960 para a frente pertenceu a glória de (a) África porque muitos países alcançaram as suas independências a partir desse ano."

SIGNIFICÂNCIA DA HISTÓRIA PARA A VIDA

Tal como Rüsen tem debatido a partir da sua matriz disciplinar de História (1993, p. 6), a base para a compreensão da vida no passado – e, portanto, também do saber histórico - é a experiência do quotidiano que, com os seus interesses e funções, compele o sujeito a buscar no passado elementos úteis, significativos, para as suas decisões no presente, com vista, naturalmente, a um melhor futuro pessoal e coletivo (seja qual for a perspectiva do sentido de 'coletivo'). O saber histórico que deriva desta necessidade, com as suas formas, métodos e conceitos vai influenciar, por sua vez, a praxis dos seres humanos.

Esta conceptualização dinâmica e atualizada da consciência histórica permite iluminar melhor a nossa compreensão da importância da História para a formação dos sujeitos em termos de alargamento, sustentado pela evidência histórica, dos horizontes de expectativa individuais e colectivos. Aliás, quando em História se procura discernir consequências de um passado não estarão ativas as categorias conceptuais dos segmentos "presente" (ao pensarmos num certo passado quando foi presente) e "futuro" (ao discernirmos consequências futuras desse passado), e que fazem agora também já parte do passado?

Por outro lado, esta teorização da consciência histórica recoloca o sujeito na História, tal como alguns modelos pós-Annales, entre eles o "estruturismo" (LLOYD, 1993) o fazem. E, ao reabilitarem

o papel de protagonistas, dizem implicitamente aos sujeitos do nosso tempo, incluindo as crianças e jovens das nossas escolas, que também eles são agentes (não apenas 'atores') de uma História a construir. É uma concepção que permite responder melhor às necessidades de orientação temporal de um tempo com mudanças vertiginosas e complexas, a exigir ações fundamentadas e realistas. Sob esta vertente, nas produções de jovens portugueses, além do sentido de mudança histórica variar entre as narrativas específicas de 2005-2008 e as de 2011, surge uma nova tendência em torno da significância histórica: o sujeito, individual e coletivo, a tomar consciência da necessidade de tomar posição perante a sua vida concreta no presente e quanto a cenários pessimistas de futuro, como diz o Jorge (na narrativa atrás apresentada) e o Manuel, de 15 anos, "nos últimos 100 anos, o meu país melhorou muito, mas estamos perante uma grande crise, e os países estrangeiros não nos querem ajudar, compramos submarinos para nada, o dinheiro gasto nos submarinos podia ajudar a baixar a dívida externa".

Nas narrativas anteriores, recolhidas em Portugal em 2005-2008, os jovens portugueses viam-se como meros espectadores da História, herdeiros passivos de um passado construído por outros. Contudo, face às dificuldades económicas de que todos falam hoje, nesta segunda década do século XXI os jovens mostram-se mais interventivos, inquietos, e apontam alguns factores da crise, mesmo que superficiais. Os jovens moçambicanos mostraram-se desde mais cedo, socialmente interventivos, como evoca o excerto da resposta da Iva, de 16 anos, que salienta "há que melhorar as infraestruturas, as vias de comunicação, os transportes, fazer melhoramentos na área da saúde, educação e cultura".

UMA SÍNTESE EM CONSTRUÇÃO SOBRE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS

Os resultados destes estudos, que resultam das explorações de sentidos das narrativas de jovens de expressão portuguesa sobre a História, constituem-se como indicadores de algumas vertentes da sua consciência histórica, designadamente na relação com identidades colectivas e formas de orientação temporal – que umas vezes se apresenta como que adormecida, outras vezes se assume

numa atitude mais pró-ativa face às questões do presente e respetivas implicações futuras. Não sendo indicadores generalizáveis porque se desenvolvem em ambiente de estudos qualitativos, são manifestações de usos da História pelos jovens participantes, que podem ser úteis para o Ensino da História.

Numa perspectiva de contribuir positivamente para a construção de uma consciência histórica avançada, que sustente de algum modo as necessidades de uma orientação temporal adequada a estes tempos de incerteza, sintetizam-se aqui alguns indícios que emergem nas narrativas dos jovens investigados, portugueses e moçambicanos:

1. As narrativas construídas livremente pelos jovens dos dois países sugerem uma identidade nacional relativamente estruturada, substanciada por situações e acontecimentos considerados relevantes nas respectivas sociedades. As narrativas dos jovens portugueses são sobretudo marcadas por dimensões político-sociais, emergindo recentemente, com mais visibilidade, a dimensão económica relacionada com a crise. O marco mais importante é o da Revolução do 25 de Abril, que derrubou a ditadura. Os protagonistas são colectivos, e entre os escassos personagens, que aparecem sobretudo como “vilões” da História, destaca-se o ditador Salazar. As narrativas dos jovens moçambicanos são marcadas por dimensões mais variadas, de ordem político-militar, social, tecnológica, educacional, cultural e os marcos cronológicos são também diversos, mas quase sempre há um especial relevo da independência do país. Os protagonistas são individuais e coletivos, e configuram valorações diversas - certos indivíduos ou grupos são heróis para uns, vilões para outros, ou simplesmente aparecem como figuras de uma história descrita dentro de um registo neutral.
2. No âmago das narrativas específicas, encontra-se em Portugal uma meta-narrativa tendencialmente homogénea mas de carácter aberto, sem exclusivismos xenófobos. Há uma mudança nítida dessa mensagem nuclear em relação à que era veiculada nos tempos da ditadura (que durou desde finais dos anos 1920 até 1974). Ao contrário do que Wertsch (2002) encontrou entre adultos e jovens russos, em que a mesma narrativa nuclear tradicional, que saúda o “triunfo sobre forças estrangeiras”,

permaneceu após o desmembramento da União Soviética, entre os jovens portugueses o inimigo já não é um povo externo inculcado pela escola nacionalista, mas sim esse nacionalismo, criticado como força ditatorial, interna. A identidade é assumida como um "nós" que reconquistou a liberdade e outros direitos humanos face à ditadura, o que estará radicalmente em oposição a eventuais histórias de superioridade perante outros povos. A ideia de progresso sobressai, mas nas recolhas de dados mais recentes (em 2011) cresce o pessimismo face ao presente. Em Moçambique, as narrativas específicas relatam situações tão diversificadas que não permitem retirar dela uma mensagem nuclear única. Entre os alunos, alguns veiculam a mensagem do povo que lutou e se libertou do domínio colonial; após a independência, para este grupo as perspectivas divergem, já que para uns desenrolou-se uma história de progresso, para outros houve retrocesso, para outros ainda houve um misto de problemas e sucessos, e alguns outros, simplesmente, descrevem mudanças de forma distanciada. Outro grupo manifesta-se sobre um 'antes' e um 'agora' reportando-se a situações iniciais diferentes e valorizando as mudanças também de forma divergente (num registo pessimista para uns, e optimista para outros). Se a falta de uma História curricular não equipa os jovens com uma 'grande narrativa' hegemónica, como acontece em países de acentuada cultura ocidental, a História não deixa de ser alimentada por outros meios de formação e informação: Talvez a família? A comunicação social? Os partidos? A religião? Pelos dados obtidos, parece que todas estas fontes contribuem, mas não em convergência, para a identidade nacional e internacional dos jovens e, até certo ponto, para uma consciência histórica e social interventiva.

3. Se as narrativas nacionais dos portugueses mostram uma identidade nacional saudável, uma bem menor substanciação das narrativas globais mostra que a identidade global é mais ténue e pouco sustentada historicamente. Esta constatação torna urgente a necessidade de alertar os professores para a necessidade de, na aula de História, se atender a uma discussão mais significativa dos temas contemporâneos mundiais bem como ao fortalecimento de relações conceptuais entre o passado nacional e internacional (de registar que o programa do 9º ano centra-se na História do séc. XX). Uma História nacional ficará sempre amputada se não for colocada em contexto mais vasto; atender-se a estruturas e a

movimentações transversais nas suas várias dimensões - culturais, sociais, políticas, científicas e tecnológicas - que atravessam as sociedades em qualquer tempo, é essencial para se captarem significados mais profundos de convergências, tensões e conflitos entre os sociedades (grupos, países, paradigmas culturais). Assim poderá tocar-se de uma forma mais consciente o sentido complexo das identidades do ser humano, muito para além da tradicional identidade nacional (ou regional). Nas narrativas mundiais, em Moçambique, apesar de a sua estrutura ser, até certo ponto como em Portugal, menos substanciada do que a das narrativas nacionais, aparecem problemáticas de cooperação ou de dominação entre países e regiões do mundo, mostrando uma compreensão mais objetiva acerca das interconexões a nível internacional.

4. Os jovens portugueses quase não atendem ao indivíduo que se destaca na História pela positiva – só os vilões terão direito a protagonismo histórico? É um dado relevante para reflexão no seio da comunidade da educação histórica em Portugal. O paradigma de puro estruturalismo historiográfico, em que o acontecimento era visto como simples espuma do tempo e o indivíduo apenas como um actor condicionado pelas estruturas, está já ultrapassado. Esta visão, que menosprezou exageradamente o papel do indivíduo na História (embora em parte por boas razões, ao recusar a preponderância das “grandes” personalidades políticas), aliada a um forte criticismo de pendor “pós-modernista”, talvez tenha restringido as possibilidades (pelo menos, em Portugal) de os jovens alunos prestarem atenção a homens e mulheres que, no passado, se distinguiram como agentes positivos de uma História humanizada. Os jovens moçambicanos, pelo contrário, apontam vários protagonistas individuais ou de grupo, e com valorações positivas, a par de outros que são censurados.
5. A emergência do sujeito como agente da História surge pela primeira vez na trama das narrativas dos jovens portugueses que participaram no estudo em 2011. As suas atitudes apresentam contornos de crítica negativa, sem fornecer ainda pistas concretas para participar na criação de melhores cenários para um futuro colectivo (mas quem o sabe fazer em Portugal, neste tempo de crise profunda?). Entre os jovens moçambicanos, é mais frequente, e desde mais cedo (nas recolhas de dados em 2008) observar-se

uma atitude interventiva na sociedade. Em qualquer país, torna-se premente favorecer o estabelecimento de relações explicativas entre os fenómenos, nas suas causalidades e consequências, nas diversas dimensões da sociedade, para melhor responder às “carências de orientação temporal” (SCHMIDT, 2014) e estimular a construção (pelos jovens e menos jovens) de novas hipóteses de futuro, que sejam criativas e, por isso mesmo, bem fundamentadas historicamente.

ABSTRACT

By means of historical understanding the human being can reach a much more encompassing and deeper view of the world than if it was just grounded on their living experience. In the field of research on history education, the question of historical consciousness in Rüsen’s approach has gained relevance under concerns with the need to make history as a core, ‘usable’ knowledge to the young people, for their better orientation in time. Sharing such concerns, the *Hicon Project* (“Historical consciousness, Theory and Practices” Project I, II, 2003-2011), in Portugal, searched for some consistent answers to the “what kind of historical consciousness do the young people in the schooling context reveal?” question, in the scope of Portuguese-speaking countries. According to such an aim, in one of those studies 15-17 year-old students were asked to write two accounts about the contemporary history, one of their own country, one of the world. In this article some data collected in Portuguese and Mozambican schools are discussed under an inductive analysis approach oriented toward the understanding over senses of identity, ideas on historical change and historical significance for life, here considered as some of the elements of historical consciousness. The results of that analysis of data from the two countries were qualitatively compared, followed by a reflection on converging and diverging views suggested in the young people’s accounts.

Keywords: Historical Consciousness Of Young People. History Education. Young People’S Accounts. History In Portuguese-Speaking Countries.

REFERÊNCIAS

ANGVIK, M.; BORRIES, B. *Youth and History: a comparative European survey on historical and political attitudes among adolescents*, v. A and B. Hamburg: Körber-Stiftung, 1997.

ASBHY, R.; FOSTER, S.; HOWSON, J.; LEE, P. *British School History Students’ “Big Pictures” of the Past*. Comunicação apresentada no Annual Meeting of the American Educational Research Association, Nova Iorque, 2008.

Consciência histórica de Jovens: identidade... - Isabel Barca

BARCA, I. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. *Currículo sem Fronteiras*, v. 7, n.1, 2007, pp. 115-126. Disponível em: <<www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/barca.pdf>. Acesso em: 03/06/14.

_____. Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos. In: BARCA, I. (Org.). *Educação histórica na era da globalização*. Braga: CIED, Universidade do Minho, 2011.

BARTON, K. Ideias das crianças acerca da mudança através dos tempos: resultados de investigação nos Estados Unidos e na Irlanda do Norte. In: I. BARCA (Org.). *Perspectivas em educação histórica*. Braga: CIED, Universidade do Minho, 2001, p. 55-68.

CASTRO, J.; SANCHES, G. Ideias de alunos cabo-verdianos e portugueses sobre identidade e interculturalidade – estudos em significância histórica. In: *Actas do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Braga: Universidade do Minho, 2009, p. 765-776.

COMPAGNONI, A.; FERNANDES, L.; NETTE, A.; THEOBALD, H.; SCHMIDT, M. A. Perspectivas da Consciência Histórica em Jovens Brasileiros. In: *Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino da História - ENPEH*. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, p.1-13.

DONOVAN, M. S.; BRANSFORD, J. (Eds.), *How Students Learn*. History, Mathematics, and Science in the Classroom. Washington, DC: The National Academies Press, 2005.

LEE, P. Prefácio. In: BARCA, I. *O Pensamento histórico dos jovens*. Braga: CEEP, Universidade do Minho, 2000, p. 11-13.

_____. 'Walking backwards into Tomorrow': Historical Consciousness and Understanding History. Comunicação apresentada no Annual Meeting of the American Educational Research Association. San Diego, 2002. <<http://www.cshc.ubc.ca>>

_____. Putting Principles into Practice: Understanding History. In: M. S. DONOVAN; J. BRANSFORD (Eds.), *How Students Learn*. History, Mathematics, and Science in the Classroom. Washington, DC: The National Academies Press, 2005, p. 31-78.

LLOYD, C. *The structures of history*. Oxford: Basil Blackwell, 1993.

MARTIN, R. *The Past within us*. Princeton: U. Princeton Press, 1989. Projecto Consciência Histórica: Teoria e Práticas. webs.ie.uminho.pt/conscienciahistorica/index56-2.html

Consciência histórica de Jovens: identidade... - Isabel Barca

RÜSEN, J. The development of narrative competence in historical learning: an ontogenetic hypothesis concerning moral consciousness. In: P. DUVENAGE (Ed.), *Studies in metahistory*. Pretoria: Human Sciences Research Council, 1993, p. 63-84.

_____. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UnB, 2001.

_____. Memory, history and the quest for the future. In: 2007. CAJANI; ROSS, 2007. A. (Eds.). *History teaching, identities, citizenship*. Londres: Trentham Books, 2007. p. 13-34.

SCHMIDT, M. A. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. *Revista Tempos Históricos*, Cascavel (PR), v.12, n.1, ano X, p.81-96, 2008.

_____. *Seminário sobre Consciência Histórica*. Comunicações orais, Curitiba: LAPEDUH, Universidade Federal do Paraná, maio-abril 2014.

SEIXAS, P. (Ed.) *Theorizing historical consciousness*. Vancouver: University of Toronto Press, 2004.

SHEMILT, D. The Caliph's Coin: the currency of narrative frameworks. In: STEARNS, P.; SEIXAS, P.; WINEBURG, S. (Eds.). *Knowing, teaching and learning history*. New York: New York University Press, 2000, p. 83-101.

WALDRON, F.; PIKE, S. *Children's construction of national identity: what does it mean to be irish?*. Comunicação apresentada no Annual Meeting of the American Educational Research Association, Montreal, 2005.

WERTSCH, J. *Voices of Collective Remembering*. Cambridge: CUP, 2002.

Recebido em fevereiro de 2014.

Aprovado em março de 2014.